

Suplemento Cultural

A estética do silêncio e a arte poética de Ângelo Arruda

[considerações prefaciais acerca do livro 'A Invenção do Silêncio']

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor, secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

Para afinar-se com os inquietantes desígnios gerais da linguagem e com esta pulsar fecundamente, o pensamento necessita de um elemento condicional: o silêncio. E, especialmente, no contexto da poesia, esta condição ganha contornos metafísicos, movidos por uma intimidade de mistérios e segredos adornados de ritmo e sonoridade. É neste ambiente de transcendentalidade, harmonizado com a sublimação daquele “impolúvel silêncio que subjaz a quaisquer escapes” (no dizer de Quintana), que o poeta viaja na liberdade do desconhecido para contemplar e dar sentido à essência da suprarrealidade (para essencializar-se) e criar seus fecundos versos e re-versos, signos, imagens e metáforas, traçados avessos ao movimento convencional, lúdicas ponderações e palavras imbuídas de síntese, linhas e entrelinhas de enigmas.

Assim, dialogando com o silêncio e seus sentimentos, Ângelo Marcos Vieira de Arruda chegou com o seu livro inaugural de poesia: 'A Invenção do Silêncio', lançado recentemente, compendiando poemas caracterizados com suas vivências/inspirações nordeste/centro-oeste.

Convivendo intimamente com a



Livro novo de Ângelo Arruda – (Poesias)

poesia, tecendo seus versos (“desenhando palavras”) há quatro décadas, o arquiteto Ângelo Arruda optou por lançar, nos últimos tempos, várias publicações concernentes à sua formação profissional (Arquitetura e Urbanismo), deixando – mesmo com o seu expressivo engajamento literocultural – a sua produção poética na fértil quietude das suas introspecções, no calor consciente dos seus arquivos pessoais (aguardando o instante de revelação). Destarte, neste aspecto (tempo/poesia), temos também a expressão do silêncio caracterizando a

obra deste autor. Porém, como já foi dito, tudo deve ser na hora certa: acontecer no momento correto. Aqui, neste tocante, podemos entrar em fina sintonia com os dois versos finais do seu maravilhoso “Tente” (a meu ver, o mais belo poema da sua coletânea): “... Tente guardar a luz do dia numa gaveta/para iluminar as noites, quando precisar”.

Na ótica de Bachelard, a poesia pode ser “uma força de síntese para a existência humana”. Já o nosso Manoel de Barros (uma das referências literárias de Ângelo Arruda) asseverou: “Penso que dentro de minha casca não tem um bicho: tem um silêncio feroz”. É nesta linha que o poema de abertura, que empresta título a este volume, mostra – num sintético jogo de translações semânticas – a potencialidade e fecúndia do silêncio, que no silêncio ‘se reinventa’ e, assim, ‘reinventa o sonho’, posto que é ‘território ilimitado’. E reinventar-se no silêncio é naturalmente uma das lídimas características da poesia (e vital necessidade do poeta); ao tempo em que reinventar

o sonho e torná-lo verdade através da arte, ‘bordando estações’, é reinstaurar a primazia, é reinaugurar o sentido da vida. São re-invenções silenciosas desta natureza que aguardam os privilegiados leitores: sublimes rebentos poéticos dotados de leveza – neles, o autor de ‘A Invenção do Silêncio’ derrama contagiante sensibilidade, traduzindo a plenitude de suas emoções, muitas revestidas de doce lirismo, como, por exemplo, em ‘Poeminha nº 3’ (para sua musa inspiradora: sua esposa Aninha Arruda).

Menino das margens do São Francisco (nascido em Penedo/AL), crescido em Recife/PE, e radicado desde 1980 em Campo Grande, Ângelo não se esqueceu de homenagear a urbe que tão bem o acolheu, a bela Cidade Morena que hoje o abraça na arquitetura e urbanidade das suas alamedas e caminhos. E empreendendo voos com ‘asas de liberdade’, “colhendo seu trigo, plantando ilusão, moldando sorrisos, desatando mãos”, vai o poeta, sempre ciente de sua necessidade de “amar o que é impreciso... de chorar o indecisivo... e fazer sempre de improviso”, pois habita-lhe um ‘pássaro’, que “rodeia seus cabelos e absorve sua sede”. Assim, ele segue exercitando o clímax das palavras e nutrindo a harmonia de um estilo límpido e fluente, a par de estro eclético, também identificado com as pul-

“

“Nascido em Penedo/AL, crescido em Recife/PE, e radicado desde 1980 em Campo Grande, Ângelo não se esqueceu de homenagear a urbe que tão bem o acolheu, a bela Cidade Morena”

sações da metalinguagem, o diálogo com aspectos elementares da própria criação poética, como podemos constatar em vários poemas.

E tem muito mais em ‘A Invenção do Silêncio’, de Ângelo Marcos Vieira de Arruda, entanto, deixarei a surpresa da descoberta aos privilegiados leitores. Portanto, silêncio!... para que possamos sentir o eco melodioso e palpável das inquietações silenciosas deste vate, que perscruta fecundo silêncio (um ‘silêncio que afaga seus olhos e lhe morde os dentes’), edificado em palavras e poesia. Vale a pena conferir!...

POESIAS

NOSSO SILÊNCIO

No meu silêncio guardo um passado
Que no teu silêncio ficou guardado.
No meu silêncio sinto-me tão leve.
Que no teu silêncio passou tão breve.

Se no meu silêncio te espero
E também passas a me esperar,
No meu silêncio, é dor, desespero,
Perdida no silêncio a meditar.

No silêncio faço meus sonhos
Que no teu silêncio penso, estranhos.
Quero no meu silêncio teu silêncio cismar.
Por somente saber, se teu silêncio é me amar.

Se os nossos silêncios se tocarem,
E bem de mansinho se apalparem,
Arrancar do peito a voz, de qualquer jeito,
Por Deus, juro, serão dois silêncios desfeitos!

ELIZABETH FONSECA (DO LIVRO RETALHOS DA VIDA)

AFINIDADE

Elementos afins
Um dos grandes segredos da química

Sem afinidade não haverá
Sólidos nem líquidos
Remédios ou venenos

Entre as pessoas
Há sofrimento
Desprezo ou rejeição
Simpatias ou amabilidades
Fugidias ou duradouras
Dependendo da química

Elementos afins se encontram
Nos céus das almas de boa vontade
Ou redimidas
E na inutilidade dos mornos
E nos infernos onde se engasga
O conluio dos malfeteiros

Deus me abone
Com afinidades boas
Para que a minha canoa espiritual
Não venha a naufragar
No mar do infinito

Pelo contrário
Seja o meu acolhimento em espaço amplo
Um ponto de salvação
Para aqueles que se dirigem
Ao reduto da família espiritual que me espera
No conjunto dos meus afins

GUIMARÃES ROCHA (POETA/PROSADOR – PALESTRANTE)

“SAUDADE”, DE ALMEIDA JÚNIOR

RAQUEL NAVEIRA

É sempre bom passeio visitar a Pinacoteca. A cada ida, renova-se o meu fascínio pelo quadro “Saudade”, de Almeida Júnior.

Almeida Júnior foi um pintor da segunda metade do século XIX, precursor da temática regionalista e da cultura caipira. Estudou no Rio de Janeiro na Academia Imperial de Belas Artes. D. Pedro II, impressionado com seu trabalho, ofereceu-lhe crédito para estudar em Paris, onde ele morou no bairro dos artistas, o Montmartre. Voltou em 1882, recebendo o título de “Cavaleiro da Ordem da Rosa”. Morreu aos quarenta anos, apunhalado, vítima de um crime passionnal, em frente a um hotel de Piracicaba. Foi assassinado por um primo, marido traído da bela Maria Laura, pivô da tragédia.

Estou em frente ao não menos dramático quadro “Saudade”. Sinto o choque de emoção e beleza. O que representa essa cena? Uma mulher na vertical, toda vestida de negro, o corpo retorcido, encostado à janela. Uma mulher simples, frágil, abatida, de cabelos presos em desalinho. A boca coberta pelo xale que abafa o soluço, o sufoco. O ambiente é rústico. Um chapéu pendurado no alto lembra uma presença masculina. Uma presença que é, ao mesmo tempo, uma ausência. O que nos faz chorar são as coisas ausentes, mansas, ternas, que moram em nossas nostalgias. Talvez daí tenham brotado essas lágrimas grossas que escorrem pelo rosto da moça morena. Talvez ela seja uma amante inconsolável diante da perda, pois é depois da partida que se chora, que se alcança o mundo do desejo onde não existe o que se abraçar.

O que segura a mulher com a outra mão? Uma fotografia? Uma mensagem? Uma carta? Algo que ela lê; que ela contempla com o coração suspirando; que testa os seus limites; que a leva a outros lugares, outro tempo, outro jeito de ser. Ela lê e sua alma responde; está só e acompanhada; sonha o sonho de outrem; faz seus os significados dos símbolos que ela devora com os olhos; pensa que seu viver não tem mais cura; confere o que está na carta com o que está impresso em suas lembranças; incorpora o conteúdo das frases em seu espírito; preenche com palavras e traços o vazio criado pela saudade. A carta a ilumina e a revela com seu facho de arte.

A ponta do manto negro está imóvel, numa passividade absoluta, num silêncio eterno e sem futuro, num luto sem esperança. O desaparecimento foi definitivo. Ela nunca mais se vestirá de outra cor, só de preto, como as viúvas que viram os navios de velas negras deixando o cais do porto de pedra com seus filhos, noivos e maridos para que o mar pertencesse a Portugal. Sob a saia negra, há uma pomba preta, eros frustrado. O tecido preto reveste seu ventre, a escuridão geradora, onde ainda operam o vermelho do útero, das entranhas e do sangue.

Há um rito de dor no rosto dessa mulher anônima, banhado da luz que passa pelo chapéu, pelos brincos, pela carta e chega até o baú coberto de linho branco ao seu lado. Há angústia, melancolia, opacidade, espessura, peso, nessa travessia de infortúnio.

Toda vez que visito a Pinacoteca, a atração se renova. O sangue português ferve em minhas veias. O que representa “Saudade”? Uma fantasia que se transfigura. Uma constância na adversidade. Uma provação que o negror ceifa, pois a vida é mesmo ilusória.

O Limite é o Infinito

AMÉRICO CALHEIROS

A vastidão de que Drummond fala nesse poema tem, ao mesmo tempo, os sentidos físico e metafísico. A grandiosidade do mundo material que não se altera diante de meras interferências, e a magnitude dos sentimentos que extrapolam a própria grandeza desse mundo, estão entrelaçadas. Será maior o mundo ou o coração, terra sem tamanho que ninguém pisa, ninguém mede, ninguém conhece os meandros maiores?

Se cientificamente tudo, ou quase tudo, é mensurável, emocionalmente ainda há muito a ser dimensionado, se é que isso será possível. Entretanto, nesse mundo de meu Deus, como diz o sertanejo, até aonde vão o começo e o fim das coisas que parecem interligadas no mesmo fio, e que limites tem o bicho homem nos planos físico e mental? São indagações que ainda perturbam os inquietos por natureza.

Na procura do imponderável, do ilimitado, o homem rasgou oceanos nas grandes navegações e, agora, rompe o espaço na estrada inconsequência de achar o desconhecido e confirmar o ideal humano da aventura. Essa odiseia, que é da humanidade, está escrita em cada DNA dessa raça que não para e futrica o universo, para se saber maior que ele, embora seja apenas um pequenino grão de areia, insiste, no deserto dessa história toda. E é essa insistência que não deixa o homem limitar-se nunca ao quintal de sua casa, levando-o a perscrutar interessadamente as infinitas possibilidades de ter e de ser.

Na saga de romper todas as contingências, físicas ou não, o homem voa no pensamento sem fim, arquitetando novos mundos, novos paradigmas, provocando novas interjeições. A cada invenção ou obra de arte que antevê o imaginável e concretiza o impossível sonho, o homem se supera. Seja nas grandes invenções ou cinema, na literatura, nas artes visuais, no teatro, na música, o mundo

que vem, antes de ser, é resultado das viagens inimagináveis da fertilidade mental da raça humana. Não é preciso estar lá para ter ido. É preciso, sim, pensar, idealizar, ficcionar, fazer primeiro a mente e voar nela e com ela, porque essa não tem limite nunca.

Não se aprisionar no limite é viver a saga da eterna superação. O esporte instiga continuamente o ser humano a fazer isso. Extrapolando as próprias forças rumo ao inatingível é seu grande mote. Ser mais hábil, mais forte, mais veloz e tudo o mais, por conta do ilimitado, já levou milhares de homens e mulheres ao pódio do quase absoluto, porque a busca não termina nunca, e assim o absoluto fica no calendário do amanhã.

Mundo, mundo, vasto mundo... O infinito parece o fim que a gente não vê no horizonte, e assim é correr na construção da história humana. A história de cada um em seu microuniverso e a soma de todas as histórias no macrouniverso possibilitam, aos estudiosos e a cada um, o conhecimento da trajetória humana.

O homem pode ir muito longe sem sair do seu lugar, sem sair até do sertão. Como atravessar o mundo e não ir a lugar algum, porque andou, andou e não se modificou ante tudo que encontrou, que viu, ou seja, passou em branco perante aquilo que atravessou suas retinas.

Conhece-te a ti mesmo, afirmou o velho filósofo Sócrates, abrindo as portas da mente humana para o ilimitado. Mais de dois mil anos depois, essa viagem interior não acabou, embora possa ter feito pequenas ou grandes paradas em milhões de estações e, em cada uma dessas, ter novas rotas rumo ao infinito. Aliás, para quem pensa o mundo como uma máquina de incomensuráveis possibilidades, não atingir o limite do nada (nunca) é a grande motivação que ocasiona a sociedade humana futura na verdade impensável diante da ilimitada capacidade de criar da admirável ‘raça humana’.